

Homenagem póstuma a Othon Moacyr Garcia

Leodegário A. de Azevedo Filho, da UERJ, UFRJ e ABF

O filólogo e crítico literário Othon Moacyr Garcia nasceu em Mendes, Estado do Rio de Janeiro, no dia 19 de junho de 1912 e faleceu no dia 1º de junho de 2002. Formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1937; e em Letras Clássicas pela antiga Universidade do Distrito Federal, em 1938. Nos Estados Unidos da América, realizou curso de pós-graduação em Literatura e Educação pela Universidade da Flórida. Foi professor do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, dois estabelecimentos de ensino de extraordinária importância para a própria história da educação no Brasil. Pertenceu à Sociedade Brasileira de Romanistas, à Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e à Academia Brasileira de Filologia, tendo ocupado nesta última a Cadeira nº 21, que tem como patrono Silva Ramos, o famoso autor de *Pela Vida Fora*, e como primeiro ocupante o nome de Sousa da Silveira, de gloriosa memória filológica.

No que se refere à obra de Othon Moacyr Garcia, todos sabem que ele foi grande renovador dos estudos estilísticos e da crítica literária brasileira, tendo recebido o Prêmio Sílvio Romero de Crítica Literária, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, e a Medalha Oskar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, em 1976. A sua obra de autêntico precursor de novos caminhos em estilística e crítica literária abrange: *Esfinge Clara*, ensaio, 1955; *Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias*, ensaio, 1956; *A janela e a paisagem na obra de Augusto Meyer*, ensaio, 1958; *A página branca e o deserto, luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto*, ensaio, 1958/59; *Cobra Norato, o poema e o mito*, ensaio, 1962; *Comunicação em prosa moderna*, ensaio, 1967; e *Exercícios de numerologia poética*, ensaio, 1978. Deixou vários artigos dispersos em vários periódicos, que bem podiam ser reunidos em livro por algum editor inteligente. Fez várias traduções e participou da elaboração do *Dicionário Koogan-Larousse*, em 1977.

Em síntese, o valor de suas aulas como professor é hoje atestado por numerosos ex-alunos de grande representação em nosso magistério superior. E a sua posição de precursor da nova crítica, como procuramos indicar no livro *Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil*, (1965), caracteriza-se pela renovação de nossos estudos estilísticos, na linha da escola estilística espanhola, com Dámaso Alonso, Amado Alonso e Carlos Bousoño, e pelas idéias que, após o curso de pós-graduação realizado na Universidade da Flórida, trouxe para a crítica literária brasileira. Na época, nossa crítica estava dominada pelo

impressionismo, como mais tarde acentuaria Afrânio Coutinho, que entre nós sistematizou o *New Criticism* anglo-americano, após retornar dos Estados Unidos da América, deixando assim o terreno preparado para o aparecimento posterior do primeiro grande crítico da nova crítica brasileira, que foi Eduardo Portella, no dizer do Mestre Alceu Amoroso Lima. De tudo isso, será fácil concluir que não há qualquer divisão em compartimentos estanques entre a crítica filológica e a crítica literária, pois ambas são necessariamente complementares. Como exemplo, citemos *Cobra Norato*, de Raul Bopp, livro analisado por Othon Moacyr Garcia, em plano verdadeiramente universitário. No caso, foi estudado o poema, o mito, a geografia sem-fim, as árvores grávidas e a paisagem sonolenta, com a seguinte conclusão:

O mito da Cobra Norato, mito etiológico e sincrético de origem amazônica, na sua feição de símbolo de fecundação, de símbolo de poder criador ou gerador, de símbolo de nascimento ou de maternidade, idéias que lhe são implícitas ou que dele decorrem pelos seus acidentes – digamos, ecológicos, como água e árvores e toda a paisagem de um modo geral – oferecia ao poeta um conjunto de idéias-temas ricas pelo conteúdo poético, férteis em sugestões e adequadíssimas à veiculação das idéias-teses do movimento modernista.

Como se vê, a valoração literária do poema, com ampla visão filológica e com perfeita análise estilística, não é de ordem meramente impressionista, pois repousa em segura análise filológico-literária.